

José Bueno Lima

Tempos transcorridos

Crônicas



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Tempos transcorridos

Crônicas

José Bueno Lima

Tempos transcorridos
Crônicas

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© José Bueno Lima

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Vasconcelos
Foto de capa: acervo do autor
1ª edição – agosto de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lima, José Bueno
Tempos transcorridos : crônicas / José Bueno Lima. --
São Paulo : Recanto das Letras, 2020.
162 p.

ISBN: 978-65-86751-22-2

1. Crônicas brasileiras I. Título

20-2491

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras

“(...) E isso para mim é o nexu entre o cotidiano e a história: são as lembranças compartilhadas em jantares de família que constroem as narrativas que, consolidadas, constituem a história das gentes, a história nem sempre registrada, mas que nos dá identidade e sentimento de pertencimento.”

Cláudia Costin, do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais da Fundação Getúlio Vargas.

Dedicatória

O mundo está abalado por esta terrível pandemia, uma verdadeira guerra contra um inimigo invisível.

Dedico, então, este meu livro a todas as vítimas que a ela sucumbiram.

Sumário

Prefácio	13
Como nasceu este livro	15
Pau-brasil	19
Bexiguento	21
A batida do Cantamessa, uma guerra de e-mails	23
Carnavalescas	25
Vila Madalena	28
Antiguidades	30
Carta do irmão Sebastião	34
Carta-resposta ao irmão Sebastião	38
Marina Rolim	41
Carta ao escritor Moacyr Scliar	44
Carta-resposta do escritor Moacyr Scliar	46
Hildebrando Pafundi	49
O velho grupo	51
Os velhos carnavais	53
O poeta e o campo de trigo	55
Casa Veronesi	59
O túnel do tempo (conto)	62
Domingo de carnaval	65
Estrada de ferro	67
Estudante	69
Extraterrestres (conto)	71

Fábricas	74
Rápidas	77
Farelo de trigo	78
Memória	79
Figuras	80
Finados	83
Guilherme Marconi	84
La infancia de Jesús	87
Leituras... ..	89
Margarida (conto)	92
Ponta Grossa	97
Shopping a céu aberto	99
O túmulo sumiu!	101
O dilúvio	104
Não resistiu!	106
Waldir Rimi e Pedro Martin	108
Chalaça	112
Bailes	115
Chico e Bento na fazenda Pedra Branca	118
Bons momentos	121
Otacílio e Napoleone	123
Outras lembranças	126
Valsenir	129
A Cidade Luz?	131
Aves de rapina	134

Sutilezas da língua	136
O globo da morte	138
O canto do sabiá	140
Conversa em família	143
Gato	145
Meus oitenta	147
O boi	149
Relembrando... ..	151
Solidão urbana: estou vacinado!	153
Uma noite memorável	158
Variedades	160

Prefácio

Fui incumbido pelo amigo José Bueno Lima, cronista de mão-cheia, para escrever um texto, diria um prefácio, que pudesse ser incluído neste mais recente fruto da sua lavra criativa. Além de lisonjeado, senti-me pesar sobre os ombros uma grande responsabilidade, pois essa incumbência terá o condão de alinhar-me com os que me antecederam em outros livros escritos por ele.

José Lima, como o tratamos amigavelmente, é possuidor de um talento literário indiscutível e prima ao tratar do mundo exterior na sua criação literária, sem esquecer que “o homem é o supremo espetáculo para o homem”. Sabemos todos que o mundo exterior se reflete na página graças à descrição, e descrever é pintar com palavras. Lima, nas suas crônicas, abusa dessa prerrogativa: é um cronista no superlativo.

A crônica é um estilo literário realista, e a literatura registra que grandes escritores passaram a cultivá-la, refletindo com argúcia e oportunismo a vida social, a política, os costumes, o cotidiano etc. em seus livros, jornais e folhetins. Carmelo M. Bonet, crítico literário renomado, afirma que “se escrevemos recordações de infância, poetizamos nosso passado, apresentamos melhores do que foram os lugares que então frequentávamos, as pessoas que então nos rodeavam”, o que não implica, sob quaisquer hipóteses, em demérito da obra. Na verdade, conclui Bonet: “Muitos preferem a realidade polida de quem alinhava recordações, à crua realidade

de quem fotografa a vida e não retoça a imagem”. É nesse contexto que José Bueno Lima se insere, trazendo-nos, neste novo livro, reminiscências, paisagens, recordações de infância, lembranças das várzeas da sua cidade natal. Tomei contato com a obra do Lima quando fui agraciado com *Como se fosse hoje...!*, publicado em 2010. Anteriormente, no mesmo ano, já havia lançado *Um passado sempre presente* e, em 2012, publicou *Crônicas e contos de um saudosista*. Li e reli os seus livros.

Do alto dos seus mais de oitenta anos, o andreense Lima participa de muitos encontros literários presenciais e pela internet – como pode ser conferido no site Recanto das Letras, onde assina os seus textos sob o pseudônimo Aristeu Fatal. Quem navega nas redes sociais, especialmente no Facebook, tem a oportunidade de ler e apreciar os contos e as crônicas escritos por José Bueno Lima.

Tenho a imensa satisfação em tê-lo como confrade na Academia de Letras da Grande São Paulo, na qual ocupa a cadeira 14, que tem por patrono Álvares de Azevedo, tendo sido empossado em 29 de março de 2012. Auguro que os seus leitores habituais e os novos que se somarão a eles deleitem-se com mais esta primorosa coletânea de crônicas constantes deste compêndio.

João Bosco dos Santos
Professor e escritor
13 de abril de 2020.

Como nasceu este livro

Estamos em plena guerra contra um inimigo invisível! Um vírus até então desconhecido, que começou a atacar na China por volta do mês de outubro do ano de 2019, provocando uma doença chamada Covid-19, chegou ao Brasil em fevereiro deste ano, após deixar seu rastro de verdadeiro assassino na Itália, na Espanha e nos Estados Unidos. Hoje, o mundo inteiro luta contra ele.

Nosso país vem sofrendo terrivelmente com seus efeitos, de norte a sul. Não estávamos preparados para enfrentá-lo, o que não é novidade. Não quero aqui entrar em assunto político, apenas vou me referir às consequências que ele, o coronavírus, como é conhecido, gerou na vida normal dos brasileiros, que, orientados pelas autoridades sanitárias, inclusive pela OMS – Organização Mundial da Saúde, fomos obrigados a nos submeter a uma quarentena. Ou seja, a melhor defesa é o isolamento, pois não existe nenhum remédio, vacina ou outro tratamento específico que combata esse mal.

Então, desde meados de março, estou preso — isso mesmo, uma verdadeira prisão! — em minha residência, sem poder levar a vida normal que todo cidadão levaria, como ir às compras para adquirir o necessário à sobrevivência, ir ao banco, acessar repartições públicas e frequentar restaurantes. Nem mesmo posso ir às aulas do curso de italiano, ou às minhas diárias caminhadas matinais e às sessões de pilates. Somente estão liberados à população estabelecimentos

de atividades essenciais, como farmácias e outros ligados à saúde, padarias e supermercados. Como faço parte do grupo de risco, não saio para nada.

Nesta situação, me vi obrigado a mudar radicalmente meu dia a dia. Tinha como quase que um compromisso diário, além dos já citados, dar uma volta pela rua Coronel Oliveira Lima, a principal via comercial de Santo André, onde encontrava diversos amigos antigos, a maioria jogadores de futebol da várzea, num dos bancos dela existentes, que eu chamo de “banco dos boleiros”. Hoje, quase todos sub-80 (eu, sub-90!).

Agora trancafiado, procuro superar todos esses impedimentos, fazendo diariamente minha caminhada na garagem do prédio, exercícios em casa e a leitura dos jornais – quando há sol, na sacada, aproveitando. Sou fanático por palavras-cruzadas, aproveito primeiro a dos jornais, um tanto quanto fáceis, gostando mais das da revista *A Recreativa*. Não sou de ficar o dia todo no celular. Volta e meia aciono o WhatsApp e vejo o Facebook, pois faço parte de diversos grupos destes. O que mais me faz falta é o curso de italiano, que não citei, então, para suprir essa ausência, assisto a filmes da Netflix, colocando aquele idioma tanto na legenda como nos diálogos.

Outra coisa que me deixou um vazio é a interação com meus amigos. Nossos almoços aos sábados, com os mais antigos amigos, os ligados ao Clube Panelinha, fazem muita falta. O grupo dos “velhinhos do parque”, com o qual há tantos anos faço caminhadas diárias e tomo um cafezinho

na padaria, distanciou-se sobremaneira. Então, nessas ausências, as mensagens por meios eletrônicos, ou por telefone, são um paliativo. Como disse Ruy Castro, “o confinamento nos tornou melhores. Os mais novos ligam para os mais velhos. Os mais velhos ligam para os ainda mais velhos. Querem saber como vão...”.

Por exemplo, meu cunhado Duílio e eu nos falamos todos os dias, reciprocamente, querendo saber como estamos. Outro dia, o Zé Raul, um grande amigo, numa conversa nossa pelo WhatsApp, estando ele em sua casa de campo em Itu, ao falar a respeito de um texto constante de minhas escritas, eu fiz referência a um de meus três livros, e ele, surpreso, me indagou dizendo que somente tinha dois deles. Afirmando que, na realidade, eu publiquei três, prometi ceder-lhe o faltante. Nessa mesma conversa, ele me perguntou quando sairia o quarto livro, sugerindo, já que gostava muito de minhas crônicas, um desafio: aproveitar o isolamento para publicá-lo. A partir daí, o assunto começou a girar em minha cabeça, até que, finalmente, decidi cumprir o desafio. O tema está em andamento e, num futuro bem próximo, o quarto livro estará em minhas mãos. Obrigado, amigo Zé Raul!

Voltando à Covid-19, numa decisão bem temerária, as autoridades públicas estão começando a abrir mão do isolamento, liberando a abertura de algumas atividades, muitas das quais ensejam a aglomeração de pessoas, justamente quando está havendo um aumento demasiado de casos constatando a doença e o grande número de mortes. Inclusive contra o que dizem as autoridades sanitárias!

Tempos transcorridos

Eu nem ligo para isso. Na condição de parte do grupo de risco, vou continuar em minha quarentena, me protegendo o máximo possível, colocando nas mãos de Deus quanto à ventura de não ser atingido pelo vírus.

Vade retro, Satanás!

P.S.: A imagem de capa mostra a casa (à direita) onde o autor nasceu.

Comentários de escritores do Recanto das Letras sobre textos do autor

Alberto Vasconcelos (Santo André – SP)

“Belo conto, bem-escrito e com todos os ingredientes de veracidade. Parabéns!”

Juares Sasso Jardim (Santo André – SP)

“Felicitações, Aristeu Fatal [pseudônimo do autor]. Nasci em 1947 e morei nas casas da Rhodia. Meu pai trabalhava na Acetato. Me recordo bem dos desfiles das tradicionais escolas de samba locais e do burburinho na rua Cel. Oliveira Lima, nas épocas de Carnaval, Natal... Bom demais recordar.”

Mayra Sissi (Serra – ES)

“Que belas festas juninas, parabéns por todos os textos e crônicas!”

Menino Sonhador (Monte Azul – MG)

“Parabéns pelos textos, amigo. Que bom que sua cidade ainda conserva essas tradições, porque, pelas bandas de cá, isso está se perdendo no tempo. Não se tem mais o alto-falante da igreja a tocar melodias.”

João Carlos Hey (Curitiba – PR)

“Nem sei dizer há quantos anos não ouço um apito de fábrica. Do trem, quando o vento sopra de lá para cá, ainda ouço o apito, ou melhor, a buzina...”

Lenapena (São Paulo – SP)

“Suas crônicas são muito bem-narradas. Me convidam a recordar minha infância. Ah! Quanta saudade.”

